
Memórias e agenda das mulheres jornalistas: Uma visão crítico/afetiva sobre o jornalismo

Memories and agenda of women journalists: one critic / affective insight into journalism

ANA CAROLINA ROCHA PESSÔA TEMER¹

SIMONE ANTONIACI TUZZO²

Resumo: O registro do cotidiano é a base da atividade jornalística. Com a multiplicação da mídia e, em certos aspectos, sua democratização, os registros que documentam a história se multiplicaram. No entanto, se os jornalistas são os historiadores da atualidade, pouco se fala sobre a memória dos próprios jornalistas, suas recordações enquanto trabalhadores que se definem a partir da triangulação da produção de documentos (textos, fotos, filmes, etc.), que passarão a ocupar um lugar de história; a apresentação da memória no presente; e a formatação da “agenda da memória”, o que será socialmente recordado como fato importante. Soma-se a esse aspecto o fato de que a profissão vem passando por numerosas mudanças, que incluem a convivência com a tecnologia e um processo de feminilização. Para entender melhor como se forma a relação memória e atividade jornalística foram realizadas entrevistas com jornalistas de Goiânia, com mais de 35 anos de idade, visando entender como elas constroem suas memórias profissionais, experiências de trabalho e a inter-relação de sua condição feminina com o trabalho.

Palavras-Chave: Jornalismo 1. Mulheres Jornalistas 2. História 3.

Abstract: The daily record is the basis of journalism. With the multiplication of the media and, in some respects, its democratization, records documenting the history multiplied. However, if journalists are today’s historians, little is said about the memory of the journalists themselves, their memories while workers are defined from the triangulation of the production of documents (texts, photos, movies, etc.), which will to occupy a place of history; the presentation of the memory in the present; and the formatting of the “Memory agenda”, which will be remembered as socially important fact. Added to this aspect the fact that the profession has undergone numerous changes, including living with technology and feminization process. To better understand how it forms the relationship memory and journalism were held interviews with journalists from Goiânia, aged over 35, in order to understand how they build their professional memories, work experience and the interrelationship of their female condition with work.

Keywords: Journalism 1. Women Journalists 2. History 3.

1. Pós-Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-Mail: anacarolina.temer@gmail.com

2. Simone Antoniaci Tuzzo é Pós-Doutoranda e Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-Mail: simonetuzzo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O REGISTRO DO que convencionamos chamar de fatos relevantes da atualidade – os fatos diários ou acontecimentos que interferem e transformam a rotina do dia-a-dia, é a tarefa que define o jornalismo. Esse registro, que oscila entre as anotações sobre os fatos banais – o trânsito, o preço dos produtos, o fim das férias, e muitos outros – é também pontuado pelo registro dos eventos excepcionais. Em qualquer das duas situações – e certamente poderíamos citar outras – não é raro que o jornalismo se torne o único registro ou pelo menos um registro mais completo, dos fatos que acontecem em uma comunidade: as informações contidas nos textos, fotos, cenas ou bites de um jornal formam o fio recorrente de uma memória social ao mesmo tempo construída e vivida pelos jornalistas.

Neste sentido, nos estudos midiáticos de uma maneira geral, é comum a afirmação de que as mídias são também “espaços para a memória”, mas é importante também entender que a memória midiática, ainda mais do que a memória humana, é um espaço “construído” a partir de numerosas intervenções, sendo necessário compreendê-las como espaço de disputas (SILVERSTONE, 2002).

Assim, esse trabalho busca compreender de forma mais ampla as tensões entre memória, trabalho e esquecimento, conforme essa relação é construída no trabalho das mulheres jornalistas que atuam na cidade de Goiânia, e que por meio do seu trabalho, não apenas produzem o registro da história, mas também sentem a influência deste registro nas suas vidas e como elemento de valoração de si mesmas enquanto profissionais. Busca-se compreender, portanto, à luz das noções de memória e esquecimento, as contradições presentes na atividade jornalística.

A ATUALIDADE NÃO É UM MOMENTO, POIS PERDURA NA NARRATIVA

O homem faz sua história e cria sua existência pelo trabalho, que é uma atividade transformadora não só da natureza, mas do próprio homem. A compreensão desse ponto é particularmente importante, uma vez que a proposta deste texto é a reconstrução da memória das jornalistas que trabalham em Goiânia, capital do Estado de Goiás, buscando entender como ele afeta (ou é obliterado) na percepção da dinâmica atual da cidade. Trata-se, de um estudo que tem como base a percepção de que as atividades jornalísticas, embora se definam pela atividade de “contar o mundo”, é também uma atividade de construção individual do sujeito jornalista, profissional cujo ritmo de vida e lembranças ficam marcadas pelo registro histórico que ele próprio ajudou a construir.

Importante destacar que uma vez que a proposta deste texto é trabalhar com sujeitos históricos – no caso específico, as mulheres jornalistas goianienses – a análise não pode ser separada de uma crítica-reflexão sobre os múltiplos aspectos sociais, culturais, profissionais e econômicos, que afetam esses sujeitos. O quadro de observação se situa na articulação de elementos que envolvem sociedade, educação, cultura e história; elementos que serão compreendidos a partir da teoria das ideologias, do Materialismo histórico de Karl Marx e das releituras realizadas pelos teóricos do que se convencionou chamar Escola de Frankfurt.

A relação entre jornalistas e memória pode ser dividida em três ângulos: a) a produção material de documentos que passarão a ocupar um lugar de história em

arquivos e bibliotecas, formando uma memória documental; b) a atualização, com base no presente de fatos que tiveram impacto no passado, como ocorre em datas comemorativas; c) a necessidade dos jornalistas de trabalhar a partir da “memória” ou de relatos de pessoas que participaram dos fatos a serem narrados/reconfigurados pelo jornalismo. É justamente a partir dessa triangulação que esperamos compreender como as jornalistas goianienses redefinem a relação memória/história, imputando-lhe novas percepções.

Ao levar em consideração a triangulação destes elementos, buscou-se também construir uma fundamentação teórica-metodológica que articule a análise dos dados obtidos com um conjunto maior de observações, que vem sendo anotadas nos trabalhos desenvolvidos dentro do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – UFG, e que buscam compreender o “...presente histórico, de duração variável, contextualizável sincronicamente com o que está acontecendo em outros lugares, e diacronicamente com passados e futuros diferentes, de curta, média ou longa duração” (BORRAT, 2006, p. 280, destaques do autor).³

Trabalha-se, com a noção do jornalismo como espaço ritualístico que marca a dimensão histórica de determinados acontecimentos, revisando-os e rerepresentando-os, e dos jornalistas como construtores, envoltos em tensões sociais e pessoais, que controem essa história no qual também se insere a sua dimensão contrária, o abuso do esquecimento condicionado pelas constrações evidenciadas pela memória da atividade profissional – memória do trabalho – das mulheres jornalistas.

UMA VISÃO DE HISTÓRIA E OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A consciência humana é condicionada pela relação dialética entre o indivíduo e os objetos do seu mundo: os sujeitos constroem/formatam o mundo (o seu mundo), mas, também são construídos/formatados pelas condições materiais deste mesmo mundo. Uma vez que a visão de história utilizada neste trabalho parte do princípio de que a percepção do mundo material é condicionada pela sociedade, e que “...a história é um processo de criação, satisfação e recriação contínuas das necessidades humanas”. (GIDDENS, 1990, p. 52 – comentando Marx), o trabalho se define a partir dos conceitos de Karl Marx e Friederich Engels, que entendem a história através de uma visão dialética (MARX, K. & ENGELS, 1984, p. 43).

Para Marx e Engels é por meio do trabalho que os indivíduos produzem socialmente a sua vida. Desta forma, busca-se entender como as percepções da história das mulheres que trabalham como jornalistas, por meio de sua percepção cotidiana dessa história, brota aos seus olhos ou se desenvolve num presente vivido em um passado que pode ser descrito de forma dinâmica. (FERNANDES, 1983, p. 47).

Assim, o trabalho envolve uma leitura crítica do discurso das entrevistas semiestruturadas cedidas por mulheres jornalistas na segunda metade do ano de 2014, mas também a leitura/análise de 16 entrevistas em profundidade realizada ao longo dos últimos dois anos (2014 e 2013), com jornalistas do sexo feminino, que atuam na Cidade de Goiânia, Goiás, com idade superior a 35 anos. A partir destes dados, o trabalho está ancorado na

3. *La actualidad no es puro instante efímero. Dura. Es presente histórico, de variable duración, contextualizable sincrónicamente com lo que está ocurriendo en otros lugares, y diacrónicamente com pasados y futuros diversos, de corta, media o longa duración.*

percepção do jornalismo como um processo de mediação: Consequentemente, buscou-se destacar como as coberturas jornalísticas realizadas pelas entrevistadas interferiram na percepção do jornalismo e na própria percepção da história local em cada uma.

Segundo Sousa (2008) uma das grandes vantagens da entrevista em profundidade é a possibilidade de serem obtidas informações detalhadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições e comportamentos, entre várias características possíveis de serem exploradas dos entrevistados.

A leitura crítica do discurso das entrevistas justifica-se em Bakhtin (1997, 2003) que afirma que toda linguagem é dialógica e o jornalismo é um lugar de sentido, composto por discursos dialógicos. Para Hohlfeldt e Strelow (2008, p. 387), “a discursividade implica no movimento do receptor para compreender a mensagem que lhe é enviada pelo emissor [...] a tradição francesa valoriza o emissor [...] e a inglesa o receptor, quem dá sentido último ao discurso, pois toda fala é um ato simbólico”.

Para Sousa (2008, 2013), o discurso pode ser caracterizado como uma palavra-chave do jornalismo, pois o jornalismo é uma prática discursiva que resulta das interações sociais e depende do contexto histórico-cultural, por isso se firma em signos e significados de onde foi produzido e que gera efeitos sociais, culturais e históricos.

Neste trabalho, o papel do receptor pode ser identificado em dois momentos, quais sejam, no discurso das jornalistas ao ressignificarem a fala dos atores participantes da construção da história narrada na produção jornalística e no discurso proveniente das jornalistas, analisado aqui pelas pesquisadoras. Trata-se, portanto de uma representação dos analistas dos discursos em duas fases.

AS JORNALISTAS E OS SEUS OLHARES

Travancas (1993, p. 54), afirma que “...os jornalistas, em função das características específicas da profissão, possuem uma visão de mundo diferenciada”. Segundo a autora: “Há profissões que determinam uma postura muito particular diante delas e da vida, e acredito que o jornalismo seja uma dessas profissões. Ele é mais do que simplesmente uma fonte de sustento de seus membros” (TRAVANCAS, 1993, p. 98-99).

A citação acima não é fortuita. Embora algumas discussões sobre essa abordagem já tenham sido realizadas pelos professores da *Réseaux d'études sur Le Journalisme (REJ)*, um grupo internacional de pesquisa, composto por brasileiros, franceses, canadenses e mexicanos, do qual resultaram publicações coletivas, constata-se uma carência de estudos nesta área no Brasil. Assim, optou-se em trabalhar com os conceitos dessa autora, aos quais somamos e adaptamos alguns pressupostos de Becker (1982), também citado por Travancas (1993).

Segundo estes autores, “mundos” são diferentes de instituições e/ou organizações, porque suas dinâmicas internas não se baseiam obrigatoriamente em relações de autoridade ou poder, pois envolvem aspectos ideológicos que extrapolam a noção de pertencimento institucional. No caso específico do jornalismo, esse pertencimento envolve critérios ligados a ética profissional, mas também a formas convencionais de “agir”, ou de realizar a atividade profissional. De fato, pertencer ao “mundo dos jornalistas” envolve um engajamento específico e facilmente perceptíveis por outros jornalistas: é como fazer parte de uma confraria, algo maior do que um clube ou um

grupo, pois envolve a adoção de determinados comportamentos e até uma “forma de olhar” (o mundo e a sociedade) que os próprios jornalistas acreditam que os diferenciam dos outros sujeitos.

Essa relação torna-se mais relevante na medida em que os jornalistas tendem a perceber-se “...como elementos essenciais e de muita responsabilidade dentro de uma sociedade”. (Travancas, 1993, p. 83), e valorizam a profissão a partir de um (pretensão?) poder de “[...] transformação da sociedade, de denúncia, de crítica”. (TRAVANCAS, 1993, p. 108). Confrontado com as condições diárias da produção jornalísticas – que via de regra estão longe de atender ao ideal da profissão – o jornalista tende a trabalhar entre duas concepções contraditórias: uma que lhe dá poder em excesso e outra que lhe retira as condições de gerir de forma clara sua própria vida.

Neste sentido, torna-se ainda mais importante compreender como se constrói a memória dos jornalistas: como qualquer ser humano, ele está sujeito a interpretar suas lembranças, uma vez que a lembrança diz respeito ao passado mas atualiza-se a partir do ponto presente: “O passado é descrito muitas vezes em termos românticos, como se os indivíduos vivessem num tempo áureo no qual tudo era permitido (ORTIZ, 1995, p. 78).

MEMÓRIA DE JORNALISTAS

Os resumos historiográficos feitos pelos povos antigos acerca dos fatos notáveis da sua vida cotidiana e das façanhas dos seus reis são um dispositivo pré-jornalístico. O jornalismo terá apenas substituído o historiador-cronista na tarefa de elaborar a historiografia do cotidiano. [...] Por fazerem história, jornalista e historiador cultivam idênticas qualidades e valores profissionais, como a preocupação pela fidelidade aos fatos, a intenção da verdade, etc. (SOUSA, 2008, p. 17).

Na sociedade contemporânea a informação é mercadoria volátil, pois perde valor quando não circula com rapidez. Mais do que nunca, o jornalismo é uma atividade marcada pela urgência do tempo de apuração e de divulgação. Dessa forma, falar com jornalistas sobre o passado é uma incongruência, e só se justifica quando se apoia em outro elemento determinante da atividade: seu vínculo com a verdade, com a veracidade dos fatos: é a partir deste compromisso (ou do cumprimento desse compromisso) que o jornalismo constrói o seu capital social, ou elemento que define o seu valor na sociedade: a credibilidade⁴.

No entanto, é por meio da memória social que o jornalista constrói sua identidade social. Incorporo no relato histórico, a produção jornalística deixa de ser provisória verdade, passa a ser uma verdade histórica, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação (PALACIOS, 2010, p. 45); mas passa também a ser referência para os próprios profissionais de imprensa que se apoiam como material de pesquisa e referência. De fato, uma das condições pouco discutidas sobre o jornalismo é que a atividade está intrinsecamente ligada à questão da memória. Uma vez que é impossível para o jornalista presenciar e/ou vivenciar no tempo real todas as notícias, via de regra, o jornalista recorre (tão rapidamente quanto possível) à memória das pessoas

4. Segundo Sodré (2009, p.42), a credibilidade - qualidade atribuída aos veículos jornalísticos a partir do compromisso com a realidade/verdade – é o capital simbólico do jornalismo.

que viveram ou foram agentes dessa notícia, e sempre que possível, a “pesquisas” de referências anteriores em veículos informativos.

A informação jornalística, portanto, é um relato feito por jornalista a partir de outros relatos – memórias somadas de indivíduos que contam suas experiências, que relembram fatos e ações, pesquisas em veículos jornalísticos antigos e atuais, e da pressão social que remodela seu olhar sobre os fatos, novos e antigos, e conseqüentemente altera seu relato destes fatos.

Para Bergson e Halbwalch “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p. 53), uma memória evocativa, que se refere a uma situação definida, individualizada, que se busca de forma consciente. (BOSI, 1994, p. 49). A essa somatória de percepções se resume a consciência de que “...toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva...” (THOMPSON, 1988, p. 197) e, ao traçar sua própria história, as jornalistas também estão envoltas em subjetividades.

O AGENDAMENTO DA MEMÓRIA

A preocupação com a influência do jornalismo na tomada de decisões – nas escolhas individuais e coletivas motivou os estudos sistemáticos dos efeitos dos meios de comunicação a partir dos anos 1930, quando as ciências sociais aplicadas se consolidaram nos Estados Unidos. Mas foi somente a partir da década de 1950 que essa preocupação se ampliou para a questão dos efeitos em longo prazo.

McCombs e Shaw (1972, p. 177) desenvolveram a hipótese de que as mídias delimitam a agenda das campanhas políticas, reafirmando a teoria de Bernad Cohen de que a imprensa é mais eficiente ao dizer ao seu público *sobre* que pensar do que ao dizer *o quê* pensar.

O paradigma do agendamento abriu espaço para pesquisas importantes, e foi sendo refinado ao longo destas pesquisas, sendo complementado pelo paradigma do enquadramento (PORTO, 2002), que busca entender o chamado “segundo nível de efeitos”, examinando não apenas sobre o quê a mídia influencia o público, mas também de que forma o público percebe os temas da agenda; e pela análise do cultivo de Gerbner (GERBNER et AL, 1977), que busca entender como a exposição generalizada do público a conteúdos conduzem a percepções semelhantes / compartilhadas da realidade.

Embora a questão do segundo nível dos efeitos e a teoria do cultivo tenham gerado críticas entre os teóricos de que trata-se de uma percepção equivocada de que o conteúdo das mídias é excessivamente homogêneo, é inegável que nos momentos de cobertura de fatos traumáticos – notícias de grande impacto/interesse social – o jornalismo tende a homogeneizar suas ações, fornecendo informações que, mesmo não sendo totalmente iguais, apresentam grandes similaridades.

Da mesma forma, as teorias dos efeitos a longo prazo não se fixam na perspectiva de um entendimento complexo sobre os processos interpretativos dos conteúdos das mídias e na questão da construção dos significados. No entanto, ainda que se baseiem principalmente no impacto e no tempo de exposição dos receptores aos conteúdos, a importância dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, torna importante buscar compreender os aspectos centrais desta influência.

Neste sentido, buscamos aqui entender como as mulheres que atuam no jornalismo goianiense processam coberturas jornalísticas de fatos de grande importância – e sobretudo como o impacto direto ou indireto destas coberturas afetam as suas percepções não apenas dos fatos em si, mas sobretudo de sua própria atividade profissional. A perspectiva é que os jornalistas em si mesmo constituem um público específico das notícias ou, como nos diz Bourdieu: “Ninguém lê tantos jornais quanto os jornalistas que, de restos, tendem a pensar que todo mundo lê jornais” (In GIRARDI, 2007, p. 150).

O texto se coloca, portanto, na interseção de dois fatores: a memória dos jornalistas – no caso, das mulheres jornalistas – e como essa memória interfere no agendamento social da história local.

MULHERES JORNALISTAS: UM REGISTRO

A presença da mulher no mercado jornalístico envolve mais do que uma mudança quantitativa, mas também uma mudança qualitativa. Até como uma resposta a questões biológicas, a mulher tende a se preocupar mais com temas como educação e saúde, valorizando aspectos do cotidiano que normalmente são secundarizados pelos profissionais do sexo masculino. Muraro e Boff (2010), mencionam um olhar mais altruísta e solidário da mulher no universo do trabalho, e lembram que a democracia consiste em aceitar as diferenças como naturais, com espaço para diferentes percepções e narrativas da realidade.

De fato, continuar a trabalhar como se mulheres não existissem ou fossem “iguais” aos homens nas atividades práticas da profissão, é negar o aspecto cidadão desta trabalhadora. Evidentemente as mulheres são iguais aos homens na capacidade de trabalho, mas diferem deles em suas práticas cotidianas. No jornalismo, profissão centrada no cotidiano, é possível inferir que presença de mais mulheres nas redações interfira também na construção das narrativas sobre o cotidiano.

Pesquisas sobre gênero apontam que as jornalistas, como mulheres em outros campos profissionais, sofrem com relações tensas no trabalho e violências de gênero (RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho do Brasil). Porém, de acordo com Koshiyama (2001), há uma mudança na perspectiva da cobertura jornalística da mulher que vai além das demandas e do universo feminino. Em entrevistas sobre a atuação das jornalistas nas redações observou-se que as profissionais possuem uma visão mais contextualizada do fato, que estão mais atentas aos limites éticos da profissão, além de estarem mais atentas às questões que envolvem a família e a violência à mulher.

A MULHER JORNALISTA: UM PASSADO PRESENTE

Ao pensarmos no tema deste trabalho, a questão da memória da mulher jornalista e sua visão como profissional deste passado determinando o que chamamos de agendamento da memória, consideramos também a visão da mulher jornalista como fator determinante para mudanças na sensibilidade no jornalismo, em uma perspectiva de que essa visão interfere na própria construção do conteúdo do jornalismo. Os elementos analisados fazem a necessidade de rever as entrevistas com as mulheres jornalistas.

Nas entrevistas realizadas fica claro que o aspecto sensível é determinante nas memórias das jornalistas, embora não seja possível inferir se essa sensibilidade está ligada à condição feminina. As mulheres reclamam também que sofrem com relações tensas no trabalho e violências de gênero, mas revestem as reclamações com um certo bom humor e a perspectiva de que *“as coisas estão mudando”*. Nesse sentido, elas repetem a situação das mulheres em outros campos profissionais, (RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho do Brasil).

Mas as mudanças ocorrem também fora das redações, nas pautas dos veículos jornalísticos. As entrevistadas citam que alguns temas entraram em cena, ou pelo menos se tornaram mais frequentes, nos últimos anos. É o caso, da questão da violência contra a mulher. Neste assunto específico, tudo indica que o *“ponto de virada”* (expressão utilizada por uma das entrevistadas) foi o crime da mala em Goiânia.

A partir deste marco – citado diretamente por algumas entrevistadas, mas lembrado de forma indireta quase que pela totalidade – *“várias lembranças ainda são muito vivas”*⁵. Segundo as entrevistadas, as lembranças mais marcantes estão ligadas a mortes e a situações que envolvem preconceito e ações violentas. (...lembro principalmente das mortes, do sofrimento de quem ficou...⁶; tem coisa muito triste, como violência contra criança...), mas instadas a citar essas lembranças fica claro que predomina as situações que envolvem o bizarro e o grotesco: o marido que furou os olhos da esposa, a filha adotiva torturada pela mãe de classe média, etc.

As entrevistadas assumem que essa pauta não só está mais presente, como a repercussão obtida nas coberturas passadas leva a novas coberturas. Neste sentido, o ponto em comum é a resposta dos receptores, se há resposta, o assunto cresce; se não, fica esquecido.

Sobre a mudança das agendas jornalísticas, foi propositalmente citada a questão das *“grandes coberturas”* – desastres naturais, acidentes etc., que tiveram grande repercussão na cidade. De uma forma geral, as entrevistadas assumem que o clima (e seus desastres) virou *“assunto”*, está mais importante na última década. Da mesma forma, assuntos/coberturas de grande impacto igualmente são lembrados, e neste caso o acidente do Césio em Goiânia é uma citação recorrente, mas, normalmente, são entremeados por detalhes pessoais: *...naquela época eu estava grávida/...nesse tempo eu morava no interior...*, etc. Aliás, não raro a trajetória profissional é atravessada por dados pessoais, e mais do que fatos de grande impacto, as profissionais lembram com prazer seus trabalhos/coberturas mais significativos; trabalhos que envolveram jornalismo de imersão ou jornalismo investigativo. São citações pontuadas por expressões de prazer, orgulho profissional e gratificação pessoal: *“A gente é envolvida no assunto”*.

Também é presença marcante nas memórias das jornalistas os aspectos que ferem a ética profissional, a manipulação da informação, a baixa presença de um jornalismo investigativo e a constância de uma imprensa *“repetidora do que diz a fonte”*. Igualmente está presente no discurso aspectos que envolvem elementos característicos da contemporaneidade: a pobreza, a ignorância, a carência de afeto. Nestes assuntos, as narrativas que se caracterizam pelos questionamentos sobre o jornalismo e por eventuais citações de que os envolvidos (vítimas

5. Os trechos destacados dizem respeito a frases ou trechos de autoria das entrevistadas.

6. Neste caso, se referindo as vítimas do acidente nuclear em Goiânia.

e receptores das informações) mal conseguiam compreender o que estava acontecendo. Também são recorrentes as lembranças de atitudes dos colegas e eventuais chefes que: agiram de forma irresponsável colocando Goiás em situação difícil não passando as informações corretamente.

As profissionais possuem uma visão mais contextualizada do fato, que estão mais atentas aos limites éticos da profissão e às questões que envolvem a família e a violência à mulher. Essa relação confirma a observação de Koshiyama (2001), de que há uma mudança na perspectiva da cobertura jornalística da mulher que vai além das demandas e do universo feminino.

Analisadas em conjunto, as entrevistas deixam claro que as mulheres que atuam no jornalismo goianiense processam coberturas jornalísticas a partir de um olhar pessoal, mas, sobretudo, a partir de relações intrínsecas com a ética profissional. É a quebra desta ética que atua como uma quebra de expectativas, de confiança na própria profissão.

Neste sentido é curioso que, apesar do desgosto confesso, das numerosas queixas sobre o dia a dia profissional, ainda valorizem a imprensa de forma genérica, atribuindo às suas ações (de forma individual eventualmente, mas em geral de forma coletiva) grandes mudanças sociais. Essa contradição, que propositalmente não foi assinalada pelas pesquisadoras durante as entrevistas, marca o conjunto das opiniões verbalizadas e aponta como as mulheres jornalistas atribuem à imprensa a capacidade de construir agendas:

...Se não fosse pela imprensa, ninguém ficava sabendo.... Agora está todo mundo indignado, reclamando, mas se não fosse o que saiu no jornal, ninguém falava nada.

Da mesma forma, as mulheres também reconhecem *positivamente a qualidade do seu trabalho*: *"...ser mulher é bom na hora de fazer cobertura de temas como saúde, educação, família. Os homens só querem saber dos grandes fatos, ou de economia ou de política. Não se preocupam com outras coisas que são importantes. A gente não tem preconceito."*

Mas a reclamação quanto ao preconceito também permanece, com muitas críticas à distribuição das pautas: Segundo as entrevistadas, quem tem mais visibilidade, ou quem é homem, pega as melhores pautas, as coberturas mais perigosas. É um tal de mulher não pode fazer isso, não pode fazer aquilo.

Fica claro também que o impacto direto ou indireto da memória atual interfere na construção de novas pautas: poucos assuntos são lembrados para uma revisão ou uma matéria que busque rever soluções ou até a ausência de soluções (crimes não resolvidos, situação de vítimas de desastres, etc). Neste aspecto predomina na visão das jornalistas (e que elas estendem ao conjunto dos jornalistas) que o receptor *"não sabe e não quer saber"*, ou simplesmente *"não gosta de coisas velhas"*.

É importante registrar uma percepção clara, a valorização pelas mulheres jornalistas de um jornalismo *"do passado"*, mais pessoal e menos sensacionalista: *naquela época a gente tinha mais tempo.../ antigamente a gente tinha que ir ver, não ficava sabendo pelo face.../ agora só interessa escândalo, desgraça pessoal...*

A memória das mulheres jornalistas, portanto, não está predominantemente no fato em si (ou nas lembranças dos grandes fatos jornalísticos), mas nas memórias selecionadas pela lembrança (em geral prazerosas) da atividade profissional.

NO TEMPO ACELERADO DO JORNALISMO A MEMÓRIA É FUGAZ

Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2010) desenvolveram trabalhos que explicam o valor da reentrada da mulher no mercado de trabalho com a segunda revolução industrial no século XX. O homem que antes ocupava sozinho esse espaço se tornou frio e competitivo, enquanto a mulher na reclusão do lar e nos cuidados familiares permaneceu solidária e altruísta. Agora ela traz de volta para o sistema produtivo e para o Estado esses valores. Para Muraro e Boff (2010) essa talvez seja a solução para voltarmos a ser uma sociedade igualitária.

Essas mudanças, no entanto, ainda não são claramente visíveis nas entrevistas realizadas com as jornalistas goianienses. De uma forma geral, os valores citados acima não estão presentes nas falas das jornalistas, mas são percebidas como elementos complementares nos trechos em que a valorização dos aspectos éticos da profissão se destacam. Fica claro também que a jornalista goianiense não valoriza sua própria memória, e mesmo quando tem que buscar dados, recorre a fontes oficiais ou aos arquivos jornalísticos.

Neste sentido, a prática diária do jornalismo, também os estudos sobre comunicação – e por extensão, sobre o jornalismo – desvaloriza o próprio profissional do jornalismo, seja no que diz respeito à memória do fato em si, de como ele se consolidou no imaginário das jornalistas, que é desvalorizado pela própria jornalista como algo que passou e que eventualmente deixou marcas na vida pessoal, mas não é redimensionado no pessoal, nas também pela desvalorização da memória humana em si mesma, que não é vista pelas jornalistas como base fundamental a partir da qual se constroem percepções e escolhas.

Presas no presente, as jornalistas têm dificuldade de construir sua própria agenda de memórias e somente conseguem fazê-lo quando a entrelaçam com a vida pessoal. Essa relação reforça a importância (ou o diferencial) da profissão, que, como já foi apontado, se entrelaça com a vida social de forma diferenciada. Mas mostra também que a profissão presa em uma corrente de atividades e urgências do presente, oblitera seu próprio passado, a atuação e a memória dos seus profissionais. Ou, como disse uma entrevistada, “*se você puder esperar, eu vejo no arquivo tudo que teve de interessante. É rápido, tudo está digitalizado*”.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. M. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- . (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BECKER, H. S. (1982). *Art worlds*. Berkeley/ Los Angeles: University of California. Press.
- BERGSON, H. (1959). *Oeuvres*. Paris: PUF.
- BORRAT, Héctor & FONTCUBERTA, Mar de. (2006). *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. Buenos Aires: La Crujía.
- BOSI, Ecléa. (1994). *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERNANDES, F. (Org.). (1983). *Marx/Engels - História*. São Paulo: Ática.
- GERBNER, G. (et AL). (1977). *Mass Media Politics in Changing Cultures*. New York: John Wiley & Sons, 199 – 205.
- GIDDENS, A. (1990). *Capitalismo e moderna teoria social*. Lisboa: Presença.

- GIRARDI, Lirancio. (2007). *Bourdieu: questões da sociologia da Comunicação*. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume.
- HALBWALCH, M. (1956). *La mémoire collective*. Paris: PUF.
- HALBWALCH, M. (1964). *La topografie légendaire des évangiles en Terre Sainte*. Paris: PUF.
- HALBWALCH, M. (1925). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan.
- HOHLFELDT, Antonio e STRELOW, Aline. (2008). Métodos e Pesquisa em Jornalismo. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia: Perspectivas Luso-Brasileiras*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 378 - 391.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. (22 de janeiro de 2014). *Mulheres jornalistas na imprensa brasileira*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf>.
- MARX, K. & ENGELS, F. (1984). *A ideologia alemã - teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes.
- MCCOMBS, MAXWELL e SHAW. (1972). The agenda-setting function of mass media – *Public Opinion Quarterly*. N^o, 36, p. 176-185.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. (2010). *Feminino e Masculino*. São Paulo: Record.
- ORTIZ, R. (1995). *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- PALACIOS, Marcos. Ano 4, n^o 1 jul./dez. 2010. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. Revista Matrizes. São Paulo: USP – ECA. p. 37-50.
- PORTO, Mauro. (2002). Enquadramentos da mídia e política. *Anais do 250. Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)*, Salvador/BA, 3 a 6 de setembro de 2002. São Paulo: Intercom.
- SODRÉ, Muniz. (2009). *A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- SILVERSTONE, Roger. (2002). *Porque estudar a mídia?* São Paulo: Loyola.
- SOUSA, Jorge Pedro. (2008). Uma história breve do jornalismo no ocidente. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia: Perspectivas Luso-Brasileiras*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 12-92.
- . (2013). *Jornalismo em Portugal no alvorecer da modernidade*. Porto: Formalpress.
- THOMPSON, P. (1988). *A voz do passado - história oral*. São Paulo: Paz e Terra.
- TRAVANCAS, I. S. (1993). *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus.